

# ENTRE LIKES E PRECONCEITOS: CARTOGRAFANDO (R)EXISTÊNCIAS LGBTQIAP+ NA CONTEMPORANEIDADE

## BETWEEN LIKES AND PREJUDICE: CARTOGRAPHING LGBTQIAP+ (R) EXISTENCE IN CONTEMPORANEITY

*Bruno da Silva Campos, Psicólogo. Doutor em Saúde Coletiva e mestre em psicologia pela UFES. Coordenador e professor do curso de Psicologia no Centro Universitário da Serra dos Órgãos - UNIFESO*

*Mirelli Aparecida Neves Zimbrão, Psicóloga. Mestra em Psicologia (Cognição Social) pela Universidade Católica de Petrópolis, bolsista FAPERJ (2023), graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis - UCP (2020) e Professora de graduação no UNIFESO.*

*Michel de Medeiros Coelho, discente do curso de psicologia do UNIFESO*

*Maria Clara Ribeiro, discente do curso de psicologia do UNIFESO*

*Ana Lúcia Alves Guedes, discente do curso de psicologia do UNIFESO*

*Diego Prata Pereira de Menezes, psicólogo, egresso do curso de psicologia do UNIFESO*

*Bruno Leonardo da Cruz Freitas, discente do curso de psicologia do UNIFESO*

*Rafael Gardi, discente do curso de psicologia do UNILASALLE/RJ*

### RESUMO

Este trabalho explora as dinâmicas sociais e culturais que configuram as identidades LGBTQIAP+ na era digital, com foco na influência das redes sociais na construção identitária, resistência aos estigmas e múltiplas formas de (r)existência. O estudo parte da crescente visibilidade da comunidade, embora a realidade ainda seja marcada por preconceitos e violência. A investigação analisa como interações em plataformas como TikTok, Reddit, Threads e X influenciam processos de subjetivação, empoderamento e enfrentamento da LGBTfobia. A abordagem metodológica é qualitativa e netnográfica, com coleta de relatos postados entre janeiro de 2023 e junho de 2024. Os resultados foram categorizados em três eixos: Reddit e a Experiência LGBTQIAP+; Identidade, Violência e Esperança no Threads; Discursos de Ódio e (R)existência no TikTok e no X. Os dados indicam que, embora as redes sociais ofereçam meios para a afirmação identitária e construção de comunidades, elas também reproduzem estruturas excludentes. A pesquisa contribui para o debate sobre as (r)existências LGBTQIAP+ ao evidenciar a centralidade do ambiente digital na disputa por reconhecimento, cidadania e pertencimento.

**Palavras-chave:** LGBTQIAP+; Direitos Humanos; Redes Sociais.

### ABSTRACT

This study explores the social and cultural dynamics that shape LGBTQIAP+ identities in the digital age, focusing on the influence of social media on identity construction, resistance to stigma, and multiple forms of (r)existence. The research builds upon the increasing visibility of this community, although the reality remains marked by prejudice and violence. The investigation analyzes how interactions on platforms such as TikTok, Reddit, Threads, and X influence processes of subjectivation, empowerment, and the confrontation of LGBTphobia. The methodological approach is

qualitative and netnographic, involving the collection of accounts posted between January 2023 and June 2024. The results were categorized into three axes: Reddit and the LGBTQIAP+ Experience; Identity, Violence, and Hope on Threads; and Hate Speech and LGBTQIAP+ (R)existence on TikTok and X. The data indicate that while social media provides means for identity affirmation and the building of supportive communities, it also reproduces exclusionary social structures. This research contributes to the debate on contemporary LGBTQIAP+ (r)existences by highlighting the centrality of the digital environment in the struggle for recognition, citizenship, and belonging.

**Keywords:** LGBTQIAP+; Human Rights; Social Media.

## 1. INTRODUÇÃO

Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) apontam que aproximadamente 2,9 milhões de pessoas no Brasil se identificam como parte da população LGBTQIAP+, embora especialistas alertem que esse número pode ser ainda maior, dado o temor de discriminação e a invisibilidade estatística. Paralelamente, o Brasil mantém a liderança no ranking mundial de assassinatos de pessoas trans, pelo 15º ano consecutivo, conforme o relatório da Transgender Europe (TGEU, 2023), evidenciando a contradição entre o aumento da visibilidade da população LGBTQIAP+ e a persistente vulnerabilidade social dessa comunidade.

Neste contexto, um estudo de Silva e Oliveira (2022) revela que 70% dos jovens LGBTQIAP+ relataram já ter sido vítimas de discriminação online, incluindo comentários ofensivos e assédio. A pesquisa também indica que plataformas populares como Twitter e Instagram são as mais propensas à disseminação de discursos de ódio. Além disso, segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB, 2024), o Brasil registrou uma morte a cada 30 horas em 2024, com 291 vítimas fatais de homotransfobia, o que representa um aumento de 8,83% em relação ao ano anterior. Nesse cenário, o Brasil continua a ser o país com o maior número de homicídios e suicídios de pessoas LGBTQIAP+ no mundo.

A pesquisa realizada pelo GGB, baseada em informações provenientes da mídia, redes sociais, blogs e denúncias enviadas à ONG, detalha que, das 291 mortes documentadas, 165 vítimas eram gays, 96 travestis e mulheres transgêneros, 11 lésbicas, 7 bissexuais e 6 homens trans. Além disso, seis heterossexuais também foram incluídos na pesquisa por terem sido vítimas de homotransfobia, seja por serem confundidos com membros da comunidade LGBTQIAP+, por defenderem pessoas LGBTQIAP+ durante ataques ou por estarem associados, direta ou indiretamente, a essa população e aos seus espaços de socialização (GGB, 2024). Vale ressaltar que esses dados são reconhecidamente subnotificados, o que reforça a persistência da violência contra essa comunidade e a urgência de políticas públicas efetivas para combater crimes de ódio.

O aumento de 8,83% em relação ao ano de 2023 é preocupante, com o Estado do Rio de Janeiro compartilhando a 6ª posição no ranking de estados com mais mortes violentas, com 15 ocorrências (5,15%) (GGB, 2024). Apesar das conquistas alcançadas ao longo dos anos, ainda persiste uma luta constante por visibilidade social e pela efetivação de direitos que, muitas vezes, se limitam a ações superficiais em termos de políticas públicas. Relatos de desrespeito e discriminação por parte de profissionais contra indivíduos da comunidade LGBTQIAP+ continuam sendo comuns (Ribeiro; Campos, 2023, p. 30). Ademais, Zimbrão e Silva (2023) destacam que é essencial que os espaços de formação profissional estejam preparados para compreender os novos contextos sociais, comprometendo-se ética e socialmente com as diversidades sexuais e de gênero.

Diante desse cenário, esse estudo visa analisar como as interações nas redes sociais influenciam a construção de identidades e a resistência a estigmas, além de investigar as formas de (r)existência que emergem no ambiente online.

## 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos com o intuito de oferecer uma compreensão abrangente e aprofundada dos fenômenos sociais analisados. O desenho metodológico fundamenta-se na netnografia, técnica derivada da etnografia tradicional e adaptada para o contexto digital (Kozinets, 2015), que se mostra particularmente eficaz para o estudo de práticas culturais, interações sociais e narrativas identitárias em ambientes online.

A netnografia configura-se como a principal estratégia de investigação qualitativa adotada na pesquisa. Trata-se de um método voltado à observação e interpretação das práticas discursivas e relacionais que ocorrem nos espaços digitais, permitindo o acesso a narrativas espontâneas compartilhadas por usuários em redes sociais. Diferentemente da etnografia clássica, a netnografia se concentra em comunidades online e coleta dados em contextos onde as interações são mediadas por interfaces digitais, como, TikTok, Reddit, Threads e X (antigo Twitter).

Dessa forma, o estudo foca nos relatos pessoais públicos postados por usuários que se identificam como LGBTQIAP+, com especial atenção para postagens que abordam experiências de identidade, preconceito, resistência, pertencimento e acolhimento. A escolha dessas plataformas decorre de seu papel central na sociabilidade contemporânea e na expressão de subjetividades (Recuero, 2014).

A coleta de dados ocorre em duas etapas complementares. Na primeira, realiza-se um mapeamento sistemático de postagens por meio de palavras-chave e hashtags relacionadas ao universo LGBTQIAP+, como #LGBTQIA, #VivênciaTrans, #OrgulhoLGBT e #ResistênciaQueer. Em seguida, realiza-se uma seleção criteriosa das postagens públicas, com relatos pessoais e autorreferenciais, que estejam disponíveis para visualização aberta e que não infrinjam normas éticas ou de privacidade.

A amostra final compreende aproximadamente 300 postagens, coletadas entre janeiro de 2023 e junho de 2024, distribuídas proporcionalmente entre as plataformas analisadas. A delimitação temporal busca capturar tanto períodos de maior visibilidade das pautas LGBTQIAP+, como o mês do orgulho, em junho, quanto o fluxo narrativo cotidiano das experiências dessas pessoas em diferentes momentos do ano.

A análise qualitativa dos dados segue os princípios da análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2016), organizando os relatos em eixos interpretativos centrais: construção da identidade de gênero e/ou orientação sexual; enfrentamento à LGBTfobia; experiências de acolhimento e pertencimento; produção de discursos de resistência e empoderamento; conflitos familiares e institucionais; e uso das redes sociais como espaço terapêutico ou de denúncia. A codificação dos dados é realizada com o apoio do software NVivo, que facilita a organização das unidades de sentido e a geração de mapas temáticos. Cada categoria emergente é interpretada à luz de autores dos estudos de gênero, sexualidade e comunicação digital, como Judith Butler (2003), Guacira Louro (2004), Richard Miskolci (2017) e Alexander Galloway (2012).

Em paralelo à análise qualitativa, a pesquisa aplica técnicas quantitativas com o objetivo de dimensionar padrões de engajamento e frequência temática. São analisados indicadores como o número de curtidas, comentários e compartilhamentos das postagens, a frequência de determinadas palavras ou expressões nos relatos e a distribuição temática por plataforma e período. Esses dados são tratados estatisticamente para identificar tendências, recorrências e correlações, possibilitando a contextualização dos resultados qualitativos dentro de um panorama mais amplo da presença LGBTQIAP+ nas redes sociais.

Apesar do caráter público das postagens analisadas, o estudo adota uma postura ética rigorosa, preservando a identidade dos usuários e omitindo qualquer informação que possa levar à sua identificação. Nenhum conteúdo privado é acessado ou reproduzido. O projeto segue os princípios da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais no Brasil.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Reddit e a Experiência LGBTQIAP+

No Reddit, os relatos sobre temas como Política, Influenciadores, Experiência LGBTQIAP+ na internet, envelhecimento e relacionamento LGBTQIAP+ revelam uma rica tapeçaria de interações sociais e culturais que refletem tanto desafios quanto conquistas dentro da comunidade. As discussões políticas frequentemente abordam questões de direitos civis e igualdade, enquanto influenciadores desempenham um papel crucial na visibilidade e representação positiva da diversidade sexual nas mídias sociais.

Título: Eu odeio as lideranças LGBT.

Post: A maioria dos influenciadores e lideranças lgbt são preconceituoso disfarçados de santinhos defensores da liberdade, a única liberdade que eles defendem são as deles e isso me irrita, acusam membros até de dentro da própria comunidade de qualquer coisa. Isto que você possam imaginar por não seguir as ideias deles e isso é um saco. Não é atoa que a aversão a comunidade lgbt tem crescido tanto, a imagem que esses arrambados passam pro mundo é que somos uns estranhos intolerantes mini ditadores ideológicos, que queremos impor regras sobre a vida de todo mundo e criminalizar pessoas por errar pronomes. Eles falam sobre destruir instituições como família, princípios cristãos etc, sendo que na verdade lgbs comuns como nós só queremos viver nossas vidas em paz.

Esse tipo de post reflete uma visão distorcida e polarizada sobre as lideranças e influenciadores da comunidade LGBTQIA+, e ilustra como o discurso de ódio e intolerância pode ser disfarçado de críticas, aparentemente “justificadas”, mas que alimentam estigmas e divisões. Ao afirmar que as lideranças LGBT são “preconceituosas disfarçadas de defensores da liberdade”, o post promove uma narrativa simplista e unidimensional, ignorando as diversas experiências, lutas e posicionamentos dentro da comunidade LGBTQIA+. Além disso, ao acusar essas lideranças de tentar “impor regras” ou “criminalizar erros de pronomes”, o texto não leva em consideração o que está por trás dessas reivindicações: a busca por respeito e pela validação da identidade das pessoas, especialmente das mais marginalizadas, como as pessoas trans. A ideia de “destruição das instituições” também é um equívoco. A luta da comunidade LGBTQIA+ não visa destruir instituições, mas sim garantir que os direitos das pessoas sejam reconhecidos e respeitados, sem a imposição de valores que discriminem e excluam. Esse discurso, ao contrário, perpetua o que a sociedade mais precisa combater: a intolerância e o ódio em nome de uma falsa liberdade de expressão.

Já os posts a seguir, se referem a percepção pública e a autoidentificação dos indivíduos. Os comentários presentes neles revelam como a experiência LGBTQIA+ na internet pode ser tanto enriquecedora quanto conflituosa. Embora a internet ofereça plataformas de apoio e conexão como no caso dos jogos online que permitiram a autodescoberta de sexualidade, também expõe a fragmentação interna da comunidade, onde visões divergentes, como o conservadorismo oculto dentro de grupos LGBTQIA+, podem gerar exclusão e hostilidade. Isso mostra a necessidade de maior acolhimento e respeito pelas diversas formas de ser e viver a identidade dentro desses espaços online.

Post Original: Para você, como é a experiência de ser LGBTQIAPN+ na internet?

Comentário Resposta: Depende. No Reddit? As comunidades LGTBs, principalmente essa aqui, são cheias de LGTBs semi-incels proto-conservadores que odeiam a LGTBs em geral, principalmente aqueles mais “mainstream”. Mas foi através de amigos LGTBs em jogos online que eu acabei descobrindo minha própria sexualidade quando eu ainda era criança, por volta de uns 10 anos.

Post Original: Para você, como é a experiência de ser LGBTQIAPN+ na internet?

Comentário Resposta: Depende de onde estou, no reddit é bacana, no twitter é horrível, no Tinder é mais ou menos, no YouTube é legal, dá pra filtrar bem o que chega.

Post Original: Para você, como é a experiência de ser LGBTQIAPN+ na internet? Comentário Resposta: Acho que depende muito, em uma comunidade como esta, eu sou aceita e as pessoas parecem entender o que eu falo, porque vivenciam o mesmo no seu dia a dia. Já em comunidades sobre outros assuntos, é bem possível que surja algum preconceito, já que estará sujeita à participação de inúmeras pessoas diferentes e de pensamentos diferentes.

Outro ponto de discussão, diz respeito ao envelhecimento dentro da comunidade LGBTQIAP+. esse tema traz à tona questões únicas de saúde, solidão e reconhecimento, ressaltando a necessidade de representatividade em todas as idades.

Título: Envelhecer. Post: Sou um homem gay de 33 anos e, ultimamente, tenho sentido que minha juventude está escapando por entre os dedos. Minha pele já não tem a mesma firmeza de antes, e começo a notar as entradas no cabelo, já não tenho o vigor dos 20 e poucos anos. Tento me convencer de que envelhecer é natural, parte do ciclo da vida, algo que devo aceitar com serenidade. Mas, na prática, não é tão simples assim. Vivemos em uma sociedade extremamente visual, e os homens, falo de forma geral, não apenas os gays, muitas vezes valorizam corpos jovens, perfeitos, quase como um padrão inatingível. Sei que toda generalização é burra. Mas confesso: isso tem me dado medo. Medo de me tornar invisível. Medo de não ser mais desejado. Medo de que, ao envelhecer, eu perca não só a juventude no espelho, mas também meu lugar no mundo afetivo. Observação: Eu sei que trinta e poucos anos não é velho, mas é nessa idade que começamos a notar que nosso corpo começa a mudar.

O post traz à tona uma discussão importante sobre a pressão estética e a valorização da juventude, especialmente dentro da comunidade gay, onde muitas vezes há uma ênfase exagerada na aparência física. A reflexão sobre a mudança corporal e o medo de se tornar invisível são sentimentos legítimos, que se tornam ainda mais intensos em uma sociedade que adota padrões de beleza restritivos. Ao expressar sua vulnerabilidade, o autor toca em questões universais, como o medo de perder o desejo e o lugar no mundo afetivo à medida que envelhece. Esse post serve como um lembrete da importância de expandir os padrões de atração e de desejo, abraçando a diversidade de idades e corpos dentro da comunidade LGBTQIA+.

Por último, os relatos sobre relacionamentos LGBTQIAP+ oferecem uma visão íntima das dinâmicas amorosas e sociais que desafiam os estereótipos tradicionais, mostrando como o amor e a conexão transcendem barreiras e normas sociais.

Título: Exausto emocionalmente de relações casuais e achando que isso me faz lidar de forma péssima com minhas tentativas de relacionamento.

Post: TL; DR - Tive um único relacionamento a vida toda aos 20 anos, aos 30 só tenho tentativas frustradas de me relacionar sério e acabo ficando em relações casuais. Cada vez mais me sentindo exausto emocionalmente e razo nas minhas interações emotivas, e no final das contas acho que isso me tornou uma pessoa sem capacidade para lidar com frustrações e me fazendo lidar de formas péssimas com elas.

O post expressa uma luta interna sobre a dificuldade de construir relações significativas em um cenário em que as relações casuais prevalecem, o que parece gerar uma sobrecarga emocional. A frustração de tentar e falhar repetidamente pode criar uma barreira que dificulta o envolvimento emocional genuíno, levando o autor a uma visão pessimista sobre sua capacidade de lidar com relações no futuro. Esse sentimento de exaustão é compreensível e revela como a busca por conexões genuínas pode ser desafiadora em um mundo cada vez mais acelerado e superficial, o que afeta negativamente a saúde emocional das pessoas.

Título: Preguiça de homens cis: relatos de um daddy bissexual.

Post: Após eus últimos relacionamentos com homens cis, cheguei a uma conclusão (leia-se generalização burra): homens tem uma enorme dificuldade em se abrir e, na maioria das vezes, seja por fatores sociais, tem uma inteligência emocional abissal quando comparados com a maioria das mulheres cis. E o que tiro disso? Estou tendente a acreditar que qualquer pessoa que esteja num casamento com homens cis merece um certificado de santo porque haja paciência. A falta de diálogo que a repressão emocional masculina provoca é aterradora.

O comentário do autor sobre a “preguiça de homens cis” traz à tona um debate sobre a repressão emocional masculina e a falta de abertura para a vulnerabilidade, que muitas vezes é fruto das normas de gênero rígidas que moldam as expectativas sociais. Embora a “generalização burra” mencionada reconheça a limitação dessa afirmação, ela reflete uma frustração legítima com um padrão de comportamento observado em algumas relações. É interessante notar que, ao mesmo tempo que o autor critica essa falta de diálogo, ele também sugere que a responsabilidade recai sobre os parceiros que se relacionam com homens cis, como se esses estivessem condenados a suportar essa dinâmica. A crítica social sobre as expectativas impostas aos homens é válida, mas também abre espaço para a reflexão sobre como a desconstrução de normas rígidas de gênero poderia melhorar as relações afetivas para todos.

### 3.2 Identidade, Violência e Esperança: Uma Leitura dos Relatos LGBTQIA+ no Threads

Os relatos publicados no Threads, plataforma de compartilhamento de vivências e opiniões, revelam a complexidade das experiências de pessoas LGBTQIA+ no Brasil. Diversas temáticas emergem dessas narrativas, entre elas a celebração da identidade, a violência e LGBTfobia, divisões internas, discriminação intracomunitária, educação sobre gênero, impactos do contexto político na saúde mental, eficácia das leis protetivas, estereótipos sobre a velhice LGBTQIA+ e a pluralidade de crenças religiosas dentro da comunidade. Esses aspectos ilustram como a diversidade sexual e de gênero está inserida em uma teia de disputas simbólicas, jurídicas, sociais e culturais.

A celebração da identidade representa uma importante forma de resistência. Em um país onde a LGBTfobia ainda se manifesta de forma estrutural, afirmar a identidade de gênero ou orientação sexual é um ato político. Manifestações como Paradas do Orgulho e projetos de valorização da memória LGBTQIA+ são fundamentais para fortalecer o pertencimento e combater a invisibilidade (OPUS DIVERSIDADES, 2023).

Contudo, essa celebração convive com um cenário alarmante de violência. O Brasil é um dos países que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (2024), em 2023 foram registradas mais de 6 mil denúncias de LGBTfobia, com destaque para agressões físicas, psicológicas e sexuais. O recorte mostra que pessoas trans e travestis são as mais afetadas, frequentemente por agressores do convívio próximo, como familiares e colegas de trabalho.

Paradoxalmente, dentro da própria comunidade LGBTQIA+ há registros de divisão e discriminação. A bifobia, a transfobia e o racismo internalizado reproduzido por alguns membros expõem uma fragmentação que enfraquece a luta por direitos. Ainda que se partilhe a experiência de exclusão, isso não anula hierarquias e preconceitos internalizados, como mostra a pesquisadora Tatiana Lionço (2019), ao discutir a necessidade de interseccionalidade nas políticas LGBTQIA+.

Nesse contexto, a educação sobre gênero desempenha papel crucial. A Human Rights Watch (2022) destaca que tentativas legislativas de proibir o ensino sobre gênero e sexualidade nas escolas violam o direito à educação inclusiva e contribuem para a manutenção de ambientes escolares hostis

à diversidade. O Supremo Tribunal Federal já reiterou a inconstitucionalidade de leis que buscam censurar esses conteúdos, entendendo-os como essenciais para a formação cidadã.

O contexto político e social tem impacto direto na saúde mental da população LGBTQIA+. A hostilidade institucional, discursos de ódio e a ausência de políticas públicas efetivas ampliam índices de depressão, ansiedade e suicídio. A Psicologia Social crítica aponta que o sofrimento psíquico de pessoas LGBTQIA+ não é resultado de sua identidade, mas das violências sistemáticas a que são submetidas (CRP-SP, 2021).

A criminalização da LGBTfobia pelo STF em 2019 foi um marco importante, equiparando esses atos ao crime de racismo. No entanto, sua eficácia ainda encontra barreiras na ausência de políticas públicas integradas, subnotificação e resistência de autoridades locais na aplicação da lei (SENADO NOTÍCIAS, 2024). A legislação, embora necessária, não é suficiente sem uma cultura institucional comprometida com os direitos humanos.

Outro ponto frequentemente negligenciado é o envelhecimento da população LGBTQIA+. A velhice nessa comunidade carrega o estigma da hiperssexualização, da solidão e da exclusão familiar. Projetos como “Envelhecer Fora do Armário” buscam combater esse apagamento, promovendo redes de apoio e visibilidade para idosos LGBTQIA+ (OPUS DIVERSIDADES, 2023).

Por fim, a diversidade religiosa dentro da comunidade desafia o imaginário comum de que fé e orientação sexual seriam incompatíveis. Pessoas LGBTQIA+ de diversas religiões buscam formas de reconciliação espiritual e enfrentam preconceitos tanto nas instituições religiosas quanto dentro da própria comunidade. Esse aspecto revela a importância do diálogo inter-religioso e da promoção da liberdade de crença como direito fundamental.

Em suma, os relatos do Threads evidenciam a pluralidade e a complexidade das vivências LGBTQIA+ no Brasil. Eles apontam para avanços significativos, mas também para desafios persistentes. Uma abordagem interseccional, interinstitucional e intergeracional é urgente para garantir dignidade, segurança e cidadania plena para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual.

### 3.3 Discursos de Ódio e (R)existência LGBTQIAP+ no TikTok e no X

As plataformas digitais têm desempenhado um papel duplo na vivência da comunidade LGBTQIA+, ao mesmo tempo em que funcionam como espaços de expressão e visibilidade, também são campos de perpetuação de violências, como a LGBTfobia. O TikTok e o X (antigo Twitter), por exemplo, proíbem explicitamente discursos de ódio em suas diretrizes, no entanto, a moderação nessas plataformas frequentemente falha em combater a LGBTfobia, resultando na continuidade de agressões verbais, físicas e psicológicas, tanto no ambiente online quanto offline.

Embora plataformas como TikTok e X adotem políticas de moderação que visam erradicar discursos de ódio e incitação à violência, identificamos que essas políticas nem sempre são efetivas. A moderação dessas redes sociais é frequentemente inconsistente, permitindo que agressões como *deadmaning* (humilhação e zombaria sobre a morte de pessoas LGBTQIA+) e *misgendering* (erro intencional ao se referir ao gênero de uma pessoa) continuem a se espalhar, muitas vezes mascaradas como “opinião” ou “humor”. Esse fenômeno reflete a falha das plataformas em reconhecer e combater a LGBTfobia estrutural de maneira adequada, o que resulta em uma constante reintegração de violência que parece ser minimizada ou ignorada pelas políticas de moderação.

A falha da moderação nas redes sociais está relacionada a um fenômeno mais amplo da cultura digital, onde a disseminação de discursos de ódio frequentemente é disfarçada sob o manto da liberdade de expressão. Conforme observado por Nakamura (2013), muitos comportamentos abusivos na

internet são permitidos sob a justificativa de que são simplesmente opiniões divergentes, ignorando o impacto emocional e psicológico das vítimas dessas violências. No caso da comunidade LGBTQIA+, essa cultura de relativização contribui para o aumento da violência online e offline, visto que as plataformas digitais se tornam um reflexo de discriminação estruturada e perpetuada por normas sociais e culturais dominantes.

A violência intrafamiliar é um dos principais e mais dolorosos tipos de agressão relatados, com muitos indivíduos LGBTQIA+ sofrendo rejeição e abusos de familiares próximos. Essas agressões, que podem ser físicas e/ou verbais, muitas vezes resultam em traumas emocionais profundos, afetando a autoestima e o bem-estar psicológico das vítimas. Tais dinâmicas familiares reprovadoras estão fortemente ligadas à normalização de atitudes heteronormativas, conforme discutido por Foucault (1995), que explica como as instituições familiares atuam na repressão e na manutenção das normas sociais.

A violência em espaços públicos, como escolas, locais de trabalho e transportes, também foi amplamente documentada. A discriminação e os ataques podem se manifestar de diversas formas, incluindo insultos, exclusão social e até agressões físicas. Esse tipo de violência reflete a intolerância social que ainda persiste, apesar de avanços legais e culturais. A presença de tais atos, ainda comuns em ambientes públicos, denuncia a necessidade de políticas públicas mais eficazes que garantam a segurança e o respeito aos direitos das pessoas LGBTQIA+.

A violência institucional, particularmente a transfobia nas áreas de saúde e religião, também é uma preocupação significativa. Pessoas trans e não-binárias frequentemente enfrentam discriminação e negligência nos serviços de saúde, além de serem rejeitadas por instituições religiosas. Estudos como os de Pimentel e Silva (2021) ressaltam que essas instituições, muitas vezes consideradas autoridades morais e sociais, não apenas perpetuam a LGBTfobia, mas também oferecem um terreno fértil para sua institucionalização.

Por fim, as estratégias de resistência, tanto individuais quanto coletivas, são vistas como uma forma de enfrentar e superar as violências vividas. A criação de redes de apoio mútuo, as denúncias públicas e o uso das próprias plataformas digitais para visibilizar as agressões e buscar suporte comunitário têm se mostrado essenciais para a construção de uma resistência sólida. As plataformas, mesmo com suas falhas, também se configuram como espaços de acolhimento, onde a solidariedade entre os usuários LGBTQIA+ é fundamental para transformar a dor em resistência e luta.

O grande paradoxo identificado pela pesquisa é a coexistência de opressão e resistência nas mesmas plataformas. Enquanto o TikTok e o X funcionam como veículos de disseminação de discursos de ódio e perpetuação de violências, também se configuram como espaços de resistência e afirmação para a comunidade LGBTQIA+. O uso dessas plataformas como espaços de denúncia e de visibilidade para as causas LGBTQIA+ não pode ser ignorado. Mesmo diante das falhas na moderação, a mobilização digital, a criação de conteúdo educativo e o apoio mútuo se tornaram ferramentas poderosas de resistência. Esse fenômeno é amplamente discutido por Nakamura (2013), que analisa as plataformas digitais como territórios de luta, onde as identidades marginalizadas podem reverter a opressão em visibilidade.

Apesar das tentativas de moderação, a pesquisa aponta que há uma grande necessidade de maior transparência nas práticas das plataformas. Além disso, é urgente que as redes sociais colaborem mais estreitamente com ativistas e organizações de direitos humanos, para garantir que suas políticas de moderação sejam eficazes no combate à LGBTfobia. A falta de uma verdadeira parceria entre plataformas e a comunidade LGBTQIA+ compromete a eficácia das ações e perpetua um ambiente digital hostil. A transparência das plataformas na explicação de como as decisões de moderação são tomadas é um passo crucial para melhorar a confiança dos usuários e a efetividade das políticas de combate à violência digital.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos e discussões sobre a experiência LGBTQIA+ no Reddit expõem as múltiplas facetas da vivência dessa comunidade, desde as tensões internas até os desafios externos. A crítica a influenciadores e lideranças LGBTQIA+ e as divisões internas, como o conservadorismo velado em alguns espaços, ilustram um cenário de fragmentação e polarização dentro da própria comunidade. Embora a internet ofereça uma plataforma para o fortalecimento da identidade e a troca de experiências, também revela a complexidade de como as diferentes vivências de sexualidade e gênero se cruzam, muitas vezes resultando em exclusões ou disputas ideológicas.

O tema do envelhecimento dentro da comunidade, que envolve questões como a pressão estética e a invisibilidade social, destaca a necessidade de expandir os padrões de desejo e aceitação para todas as idades e corpos. Além disso, os desafios emocionais nos relacionamentos LGBTQIA+, como o desgaste de relações casuais e a dificuldade de estabelecer vínculos significativos, refletem um contexto afetivo mais amplo, onde as normas sociais e as experiências pessoais se entrelaçam, impactando a capacidade de lidar com frustrações e estabelecer intimidade. Por fim, a crítica aos homens cis e as dificuldades emocionais enfrentadas dentro dessas relações ressaltam como as expectativas de gênero, especialmente a repressão emocional, influenciam diretamente a dinâmica dos relacionamentos afetivos e a necessidade de uma desconstrução mais profunda das normas rígidas para uma maior empatia e comunicação emocional. Em conjunto, esses relatos mostram que, apesar das adversidades e da contínua luta por reconhecimento e respeito, a comunidade LGBTQIA+ também oferece espaços de acolhimento, compreensão e crescimento.

Já os relatos compartilhados no Threads, por sua vez, oferecem uma visão profunda e multifacetada das vivências LGBTQIA+ no Brasil, destacando tanto os avanços quanto os desafios contínuos enfrentados por essa comunidade. A celebração da identidade, longe de ser um ato trivial, emerge como um poderoso símbolo de resistência contra a violência e a discriminação, enquanto as dificuldades, como a LGBTfobia estrutural, divisões internas e a falta de políticas públicas eficazes, revelam a persistente marginalização dessa população. As barreiras enfrentadas por grupos específicos, como pessoas trans e idosos LGBTQIA+, e os impactos do contexto político e social na saúde mental reforçam a necessidade urgente de políticas públicas interseccionais, que integrem as múltiplas dimensões da opressão.

Embora a legislação e a criminalização da LGBTfobia representem avanços importantes, a sua implementação eficaz ainda depende de mudanças culturais e estruturais, tanto no âmbito institucional quanto nas atitudes sociais. Por fim, a diversidade religiosa dentro da comunidade LGBTQIA+ destaca a complexidade das identidades e a urgência do diálogo inter-religioso, ampliando a reflexão sobre a liberdade de crença e a inclusão em diferentes esferas da sociedade. O cenário aponta para a necessidade de um esforço contínuo e coletivo, que vá além das vitórias legais e promova uma cultura verdadeiramente inclusiva e respeitosa para todas as identidades.

Por fim, o estudo sobre a LGBTfobia nas plataformas TikTok e X, evidencia a discrepância entre as políticas de moderação e a realidade das violências digitais. Embora as plataformas se comprometam a combater a discriminação, a implementação inconsistente de suas diretrizes e a persistência da LGBTfobia estrutural mostram que as regras de combate à violência são insuficientes. As estratégias de resistência, como a criação de redes solidárias e a documentação das violências, tornam-se ferramentas essenciais para a transformação desses espaços de opressão em territórios de luta e visibilidade. A maior transparência nas políticas de moderação e a colaboração com ativistas LGBTQIA+ são fundamentais para garantir um ambiente digital mais seguro e inclusivo.

## 5. REFERÊNCIAS

- COSTA, Mário. **Preconceito e resistência: a luta LGBTQIAP+ no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora ABC. 2020.
- CRP-SP. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Saúde mental e população LGBTQIA+: um olhar da psicologia social crítica**. São Paulo, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HUMAN RIGHTS WATCH. **“Tenho medo, esse era o objetivo deles”: esforços para proibir a educação sobre gênero e sexualidade no Brasil**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/report/2022/05/12/381942>. Acesso em: 28 maio 2025.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: características gerais dos moradores 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2025.
- KOZINETTS, R. V. **Netnography: Redefined**. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2015.
- LIONÇO, Tatiana. **Políticas públicas e cidadania LGBTQIA+ no Brasil: desafios interseccionais**. Revista Estudos Feministas, v. 27, n. 3, 2019.
- MARTINS, Luís Fernando. **Cultura digital e diversidade: desafios e possibilidades para a comunidade LGBTQIAP+**. Belo Horizonte: Editora DEF. 2019.
- MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. **LGBTQIA+fobia: a violência motivada pela orientação sexual ou identidade de gênero das pessoas LGBTQIA+**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br>. Acesso em: 28 maio 2025.
- NAKAMURA, Lisa. **Digitally Distorted Realities: The Role of Social Media in Cyber Discrimination**. Journal of Digital Culture, 2013.
- OPUS DIVERSIDADES. **Envelhecer Fora do Armário**. São Paulo, 2023. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Opus\\_Diversidades](https://pt.wikipedia.org/wiki/Opus_Diversidades). Acesso em: 28 maio 2025.
- PIMENTEL, Carla; SILVA, Renata. **Discurso de ódio e as redes sociais: desafios e implicações legais**. Revista Brasileira de Comunicação, v. 3, n. 1, 2021.
- RIBEIRO, Adriana Fiel; CAMPOS, Bruno da Silva. Uma nova perspectiva sobre a saúde pública: acolhimento e humanização dos profissionais em unidades de saúde para população LGBTQIAPN+. In: **Psicologia e saúde: teoria e práticas** / Organizadores Bruno da Silva Campos e Cristiane Moreira da Silva. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.
- SENADO NOTÍCIAS. **Fake news e perda de direitos preocupam comunidade LGBTQIA+, aponta debate**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/05/15/fake-news-e-perda-de-direitos-sao-preocupacoes-da-comunidade-lgbtqia>. Acesso em: 28 maio 2025.
- SILVA, Junior Ronaldo da. **Identities in network: the construction of the subjectivity LGBTQIAP+ in social media**. São Paulo: Editora XYZ. 2021.
- TRANSGENDER EUROPE (TGEU). **Trans Murder Monitoring Report 2023**. Berlim: TGEU, 2023. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm/>. Acesso em: 20 maio 2025.